



## ARTE-(PSICO)TERAPIA

Diz a Dr<sup>a</sup> Nize da SILVEIRA: “A criatividade é o catalisador por excelência das aproximações de opostos. Por seu intermédio, sensações, emoções, pensamentos, são levados a reconhecerem-se entre si, a associarem-se, e mesmo tumultos internos adquirem forma.”<sup>1</sup> Esta colocação induz à reflexão no tocante ao papel e a importância de se utilizar os meios artísticos-expressivos nos processos educacionais e terapêuticos. Se é plausível considerar a criatividade como elemento articulador dos opostos é possível verificar que no âmbito educacional é necessário estar sempre conciliando opostos tais como: as aspirações dos orientandos e as metas dos orientadores; a experiência do orientador, quanto ao que deve ser ensinado, e a necessidade da instituição de cumprir um programa de ensino preestabelecido; as exigências sociais e de mercado contrapondo-se as expectativas familiares e metodológicas, enfim a vivência educacional está sempre a transitar entre o possível e o provável, entre o que deve ser feito e o que está previamente determinado, entre a necessidade e o ideal, pois bem, tudo isto denota a importância de se ter um elemento que seja capaz de desempenhar tanto um papel educativo como articulador de conceitos.

Ao concentrar a atenção no contexto terapêutico, o mesmo se dá. Os opostos se manifestam no tocante ao processo curativo contrapondo-se ao processo integrativo do ser cognitivo no contexto sócio-econômico-cultural. Ora é preciso “promover a cura” e ora é preciso “promover o espaço à cura”. Por vezes um tratamento terapêutico ou psicoterapêutico é tido como fim em si mesmo, o que o torna curativo; porém, em dados momentos ele é experimentado como um processo cuja arte ou expressão artística é uma aliada do processo terapêutico integrando outros diversos campos da experiência humana.

Sendo assim, a arte, enquanto forma de expressão, se mostra ora como instrumento terapêutico e ora como educacional, o que possibilita um “lidar”, um “perceber” e um “penetrar” no âmbito de questões humanas que viabiliza um contato às vezes objetivo e noutras vezes subjetivo com aspectos dinâmicos da psiquê que se encontram latentes, mas que são potencialmente reveladores e criadores de novas realidades. A arte amplia as concepções, as impressões e as experiências favorecendo a compreensão de aspectos humanos que manter-se-iam incólumes, improdutivos no decorrer de toda uma vida formando, deste modo, um acervo de ansiedades e depressões devido a perda de contato do “ser que aprende” com a realidade que se constrói. ANDRADE destaca em sua obra que a “(...) arte sintetiza e simboliza todo o passado, educação e cultura pertencente ao autor, consciente/inconscientemente, e isto pode ser instrumentalizado em um processo psicoterápico.”<sup>2</sup> Portanto, a criatividade acaba

<sup>1</sup> SILVEIRA, Nise & Col.: “*Casa das Palmeiras*”. Rio de Janeiro: Alhambra, 1986, p. 11.

<sup>2</sup> ANDRADE, Liomar Q. de: “*Terapias expressivas*”. São Paulo: Vetor, 2000, p. 39.



exercendo um papel auto curativo na medida em que onde a verbalização fracassa a expressão se manifesta e traduz para uma realidade objetiva os processos subjetivos. Esta forma de expressão faculta o estabelecimento de uma nova forma de integrar conteúdos do mundo interno, simbólico com o mundo objetal e concreto o que acarreta uma via de comunicação entre o educando e o educador, entre o cliente e o terapeuta, entre o indivíduo e o ambiente, portanto não é no resultado plástico do trabalho artístico que se concentra a relevância do processo, mas na possibilidade que este cria para a compreensão da dinâmica interna e externa das manifestações psíquicas tanto no que concerne a terapia quanto a educação. NAUMBURG *in* ANDRADE<sup>3</sup>, também encontra em suas pesquisas esta mesma relevância educacional ao dizer que “(...) *esperava que educadores e pais de crianças normais reconhecessem a importância vital para o equilíbrio e desenvolvimento sadio do ego, a possibilidade da liberação de parte dos conteúdos inconscientes, através de projeções artísticas, imaginativas e criativas.*”

Também é possível compreender que a arte através da sua essência expressiva permite ao ser humano a realização de uma construção individualizada de sua psiquê e do seu desenvolvimento cultural, o que em última análise possibilita ao “artista” se reconhecer como um ser único que cria a realidade e se insere nela. Jung chama a atenção para esta necessidade de “nascimento pessoal” em meio a identidade coletiva ao mencionar que:

*“(...) são justamente as pessoas em idade madura as que mais necessidades têm de um pouco mais de educação no plano da cultura individual, depois que a educação juvenil, na escola ou na universidade, as formou numa linha exclusivamente coletiva, impregnando-as literalmente de uma mentalidade coletiva.”*<sup>4</sup>

Conclui-se que as artes expressivas permitem relações interpessoais que se formam de maneira espontânea entre aqueles que se envolvem, direta ou indiretamente, com o processo artístico fazendo com que a autoridade, tanto do educador como do terapeuta, venham a se estabelecer de maneira natural a partir de uma atitude de compreensão face as dificuldades dos orientandos e clientes, uma vez que o desejo de ajudar e o profundo respeito nascem a partir de uma relação de cumplicidade e criação mútuas.

---

Dr. Maurício Aranha - Médico pela Universidade Federal de Juiz de Fora; Especialista em Neurociência e Saúde Mental pelo Instituto de Neurociências y Salud Mental da Universidade da Catalunya; Pesquisador do Núcleo de Psicologia e Comportamento do Instituto de Ciências Cognitivas. E-mail: [dr\\_mauricioaranha@yahoo.com.br](mailto:dr_mauricioaranha@yahoo.com.br)

---

<sup>3</sup> Op. cit., p. 71.

<sup>4</sup> JUNG, C. Gustav: “A energia psíquica”. Petrópolis: Vozes, 1994, par. 112.